

As possíveis causas do sofrimento de estudantes da graduação e pós-graduação da Universidade de Brasília.

The possible reasons why University of Brazilia's graduation and post-graduation students are suffering.

Ana Beatriz Abou Said*

Gabriela Rosa Dias de Freitas*

*Estudantes de graduação em Antropologia da Universidade de Brasília

Resumo

O presente artigo se esforça em apontar as possíveis causas do sofrimento dxs estudantes da graduação e da pós-graduação, da Universidade de Brasília. O que nos impulsionou foi o suicídio de uma estudante dentro do campus Darcy Ribeiro, no primeiro semestre de 2018. Sem a pre-

tensão de esgotar este debate, buscamos apresentar as causas que estão presentes nas falas dxs nossxs interlocutxes, com intenção de exprimir uma direção coerente para que tratemos a questão da melhor forma possível. Por fim, as ferramentas metodológicas escolhidas foram recursos bibliográficos, saídas de campo e entrevistas semi-estruturadas.

Palavras-chave: estudantes, sentimentos, sofrimento, sofrimento psíquico, universidade.

Abstract

This article in an effort in signaling the possible causes of suffering among graduation and post-graduation students, in University of Brazilia. What impulsioned us was an student suicide committed inside the Darcy Ribeiro campus, on the first semester of 2018. Under no pretense of exhausting the debate, we seek to present the causes that are present in our interlocutors speeches, intending



to point towards a coherent direction so that this question may be handled in the most beneficial way possible. The methodological tools used were bibliographic resources, field trips and semi-structured interviews.

Key-words: students, feelings, suffering, psychic suffering, university.

1 Introdução

O suicídio de uma colega dentro do campus Darcy Ribeiro, na Universidade de Brasília (UnB), em 2018, foi um choque e um golpe para todos nós. O conhecimento tácito sobre adoecimento e sofrimento psíquico entre estudantes universitários não é desconhecido: é até mesmo alvo de humor ácido. Afinal, as condições (e falta delas) para preservar a saúde mental de nós, estudantes e a difícil adaptação ao ambiente universitário são nossas conhecidas, e ficaram evidentes na pesquisa coletiva que foi realizada e,

a seguir, apresentada. Foi uma maneira muito drástica de confirmar que estamos adoecendo e que precisamos fazer depressa algo a respeito, além de não ter sido um caso único ou isolado. Cada estudante que comete suicídio não perde apenas uma matrícula, mas uma vida, com nome, sonhos e uma história.

E é porque se trata de vidas que não podemos apenas dizer que sentimos muito. É necessário que sejam analisadas as causas que têm levado paulatinamente os estudantes a terem a sua saúde mental afetada e que se tome alguma atitude. Por essa razão, o tema da disciplina de Antropologia da Saúde, ofertada no segundo semestre de 2018, pela Professora Soraya Fleischer, foi “saúde mental”, tema proposto coletivamente como consequência de fatos que se sucederam após o falecimento da estudante. A partir desses acontecimentos, decidimos investigar e nos aprofundar neste tópico, a fim de buscar as origens e as respostas para os problemas enfrentados pelos estudantes, entendê-los e **saber** como agir quando um de nós precisa de apoio.



2 Objetivo

Considerando que não há maneira de pensar em formas de prevenção para uma questão sem saber quais são as causas dela, nos dedicamos a compreender o que está afetando negativamente o bem-estar mental dos estudantes da UnB. A proposta desse artigo é compreender o que os estudantes estão falando sobre as suas próprias saúdes mentais e quais ferramentas da antropologia poderiam ser utilizadas para que seja possível entender as dinâmicas sociais que compreendem essas questões. Mais do que tudo, queremos trazer o que por eles foi apontado como razão ou causa para variados tipos de sofrimentos mentais.

Entre rodas de conversa e questionamentos de professores, a impressão inicial foi de que o ambiente acadêmico está mais sensível ao estado emocional dos estudantes. A saúde mental tem estado mais presente nas falas dos estudantes universitários da UnB, chamando a atenção para a necessidade de compreensão e também

de ação, para que o acolhimento dentro da comunidade acadêmica seja uma possibilidade concreta e acessível.

É a partir das considerações feitas no parágrafo anterior, que conhecer as causas que têm prejudicado a saúde mental, dos estudantes de graduação e pós-graduação, é fundamental no processo da construção de uma comunidade acadêmica mais humana e acolhedora. Ao longo do texto explicamos a metodologia utilizada, resumimos a história da Antropologia e da saúde mental, e apresentamos por fim os resultados da nossa pesquisa.

3 Metodologia de pesquisa e de escrita

Essa pesquisa foi realizada com o suporte do esforço em comum dos alunos da disciplina de Antropologia da saúde, colaborando com a construção do embasamento teórico, compartilhando entrevistas transcritas e anotações em uma pasta do Dropbox. As entrevistas são resultados de duas saídas de campo feitas em duplas, no horário da disciplina, das quais



abordamos pessoas dentro da UnB, e fizemos perguntas com base em um questionário semi-estruturado, elaborado coletivamente em sala de aula. A partir das transcrições compartilhadas, buscamos compreender as categorias presentes nos discursos dos entrevistados e coordenamos as nossas impressões na produção deste trabalho, segundo o nosso recorte.

Das entrevistas feitas com alunxs de graduação e da pós-graduação, aproveitamos informações de todos os blocos do roteiro de pesquisa, entretanto, escolhemos como foco de análise o terceiro bloco de questões que exploraram os problemas que afetam o bem-estar dxs estudantes universitários. Mas não nos restringimos a esse bloco porque as respostas poderiam apresentar-se no discurso dos sujeitos ou terem sido diretamente respondidas em outras perguntas, independente de qual fosse a intenção inicial da mesma. Buscamos a partir das respostas os elementos comuns relativos às principais causas do sofrimento psíquico que têm acom-

etido xs estudantes de graduação e pós-graduação da UnB.

A seguir faremos uma breve explanação da relação dos estudos da Antropologia com a saúde mental, fundamentada no embasamento teórico de leituras feitas no decorrer da disciplina já citada no início do texto. Faremos isso antes de apresentar as causas do sofrimento dxs estudantes da graduação e pós-graduação, para esclarecer nosso ponto de partida teórico.

4 Antropologia e saúde mental: algumas breves considerações

É importante compreender que os estudos sobre saúde mental na medicina surgiram principalmente porque se tratava de medicar e curar os comportamentos sociais divergentes por meio de terapias[1]. Conforme Monnerat (2017), os sintomas são performados socialmente e assim como os tratamentos, definem as identidades dos pacientes devido a episódios específicos, da postura dos profission-



ais da saúde e da performance de determinados sintomas. Nem sempre essa identidade socialmente atribuída tem qualquer relação com a identidade construída pelo próprio indivíduo, como sugere Silveira (2000) ao colocar a narrativa como recurso metodológico, que permite o entendimento das questões relativas à construção da subjetividade para compreender o sofrimento psíquico como fenômeno social.

Considerando que a instituição da psicologia se deu a partir da transformação de comportamentos divergentes e socialmente indesejados ou inadequados em doenças mentais, tratáveis e curáveis - embora tenha-se avançado muito com mudanças recentes, como a reforma psiquiátrica no Brasil, não é incomum que pesquisas observem o peso do que é socialmente indesejável sobre a saúde emocional de indivíduos.

Diversos autores apontam nessa direção. Silva (2005) observa, entre a população negra, que práticas violentas causadas pela institucionalização de hier-

arquias sociais geram transtornos, distúrbios, angústia e ansiedade. Felipe França de Oliveira e Muna Muhammad Odeh (2017), afirmam com seus dados e exemplos - como é o caso das mortes por transtornos mentais em homens negros serem três vezes maiores do que em homens brancos. Hita (1998), utilizando a categoria nervos demonstra a associação física e moral entre o sofrimento psíquico e o sujeito, especialmente na construção identitária feminina; ela é nervosa porque não se adequa, e se não se adequa, deve ser medicada para que seja curada de sua divergência - trata-se, afinal, de uma minoria, logo, hierarquicamente localizada.

Sobre o que significa o tratamento, Martin, Carcozzi, Macedo e Andreoli (2012) encontram no discurso dos sujeitos a importância da medicação e a generalização da depressão entre mulheres, que faz parte do senso comum independente de diagnóstico. A pobreza e a violência são constantes e o psiquiatra é o agente catalisador da reorganização da vida



das mulheres diagnosticadas, sem, contudo, considerar o processo de socialização dessas mulheres, apenas abordando a questão por uma perspectiva biologizante da saúde.

Cavestro e Rocha (2006), ao abordarem o suicídio e a depressão como parte do discurso dos sujeitos, inclusive destacando o autodiagnóstico como parte deste discurso, chamam atenção para a possibilidade da maior facilidade em falar sobre o assunto para um grupo do que para outros, como foi para os estudantes de terapia ocupacional, grupo com o qual eles trabalharam em suas pesquisas. Maria Lúiza Dias (1994), autora referenciada no trabalho de Monnerat (2018), também aponta que há muitos tabus envolvendo o suicídio e que isso acaba o transformando em um enigma.

5 Entre os estudantes, quais as causas de seus sofrimentos dentro da universidade?

Em um primeiro momento, as causas do sofrimen-

to psíquico entre universitários podem parecer um conhecimento tácito, de tão óbvias: insatisfação com o curso, drogas e álcool, problemas pessoais ou familiares e violência. No entanto, após selecionarmos 29 do total de 51 entrevistas, sendo estas feitas com estudantes de graduação e pós-graduação, percebemos que as nossas primeiras especulações eram equivocadas e que não indicam a causa do problema em si.

As categorias que encontramos no discurso dos sujeitos, e que representam os sentimentos de adoecimento psíquico foram ansiedade, depressão, “ansiedade de pânico” - o medo de uma crise de pânico gerada por sentimentos de ansiedade -, desgaste mental, transtorno e cansaço. A origem desses sentimentos que estas categorias nomeiam originam-se nas relações conflituosas entre professores e alunos, a carga de trabalho e de estudos, situações de discriminação, preconceito e exclusão, sendo estas as de maior destaque.

No próximo tópico apresentaremos de maneira



mais esclarecida, as possíveis causas de sofrimento psíquico que xs universitários apontadas nas entrevistas e ponderadas em nossas análises. Não com a intenção de esgotar as possibilidades, mas sim de expor algumas dessas causas que receberam maior destaque no decorrer das entrevistas.

5.1 Conflitos com o professorado, sobrecarga e ansiedade

Dentre várias causas relatadas na pesquisa, a que recebeu maior destaque, sendo a mais citada nas entrevistas, é as dificuldades que existem ao se estabelecer relações com os professores. As queixas centrais são falta de empatia ou de humanidade por parte dos professores e problemas de comunicação. Não foram incomuns os relatos de professores humilhando e constrangendo alunos em sala de aula, não permitindo respostas que questionem as suas autoridades. Em outros relatos de alunos, houveram comentários misóginos ou que os diminuíssem. Uma das entrevistadas mencio-

nou que um professor sempre dizia aos alunos que “eles não seriam ninguém na vida”. Esse professor era inclusive uma pessoa de influência e poder em sua área fora da universidade, ou seja, ele tinha poder hierárquico sobre xs alunxs.

Outros exemplos além deste podem ser clarificados a partir das falas de outros estudantes, por exemplo:

Olha eu acho que assim empatia dos professores para os alunos, porque tem professor que a disciplina dele nem é tão difícil assim, só que o cara quer chamar alguma atenção e quer dificultar as coisas sendo que não precisa disso, e isso ferra um pouco, porque acaba que pô o aluno já tem vários problemas ali estudar e ainda lidar com dificuldade com professor e é um problema sério, eu já tive problema com professores em disciplinas que eu particularmente tinha muito interesse só que chega na hora perde o interesse. (estudante da Gestão Ambiental, 21 anos).

Em outra transcrição, é possível compreender que o problema tratado neste artigo é percebido pelos indivíduos en-



trevistados como algo que permite fazer uma crítica à formação do ensino e como o mesmo está estruturado[2]. A partir disto, pode-se concluir que este é um problema mais amplo e que provavelmente afeta estudantes universitários (e demais membros da comunidade acadêmica), em diversos outros lugares:

Eu vou colocar um lado bem pessoal meu aqui... não adianta você ter três doutorados e ser um bosta em sala de aula porque eu... inclusive já tive professores que, realmente tem assim, uma bagagem de conhecimento impecável mas em sala de aula, ele... porque o cara é um doutor pesquisador e não teve o treinamento para meio que estar em sala de aula... sabe? Assumindo cargo de professor, então meio que a galera... está com um problema, aí chega na aula, chega e tem professor que... sabe, perde um pouco de humanidade ali... eu falo isso porque eu vi, eu vejo nas aulas, nos cursos de exatas de... de outras universidades, não só da UnB. (estudante de Artes Visuais, 21 anos)

E a relação entre alunx e professor é tão delicada que pode, inclusive, auxiliarno entendimento do porquê de certos co-

mentários como o abandono de disciplina e sair do fluxo curricular:

Quando as pessoas percebem que os professores estão cagando para eles, não se importam com nenhum dos alunos, a turma simplesmente esvazia, você vai encontrar tipo, dez pessoas dentro de sala de aula. Isso é um sinal de que os professores, tanto não se importam com a aula que estão dão para os alunos e não se importam com os alunos, quanto os alunos percebem isso e se distanciam da sala de aula; então é um processo mútuo de distanciamento. (estudante das Ciências Sociais, 21 anos).

O nível de dificuldade das aulas e a carga de estudo e de trabalhos imposta são outras causas muito presentes no discurso dos sujeitos, podendo assim ser diretamente relacionadas aos problemas que existem com os professores. Não foram incomuns os relatos sobre essa dificuldade e muitos estavam associados aos próprios professores e também ao cansaço[3], como já havia dito a primeira entrevistada (p. 5).

Há o entendimento de que a cobrança é necessária e ela em si não é percebida como categori-



camente ruim, mas a reclamação está em uma sobrecarga que por vezes, leva à necessidade de tratamento[4]:

O horário, a forma como as grades horárias são montadas, oferta do departamento e a organização da universidade podem dificultar a vida dentro da universidade [...] geralmente tem muita carga de leitura ou coisas que tem pra fazer e eu não tenho mais vida. Final de semana, assim, acabo no computador e não faço mais nada e pelo menos eu sinto que tem determinado momento que eu fico tão focada que eu tenho que terminar as coisas que eu não consigo mais me relacionar humanamente com as pessoas, né? Acaba esfriando, assim, tipo, “não, tenho que fazer tal coisa e não vou poder fazer outras coisas. (estudante da filosofia, 21 anos)

Ansiedade, depressão, “ansiedade de pânico”, esgotamento mental e transtorno apareceram bastante, mas em quase todas as vezes estavam inter-relacionadas ou eram efeitos colaterais de outros como medo, sensação de incapacidade, relacionamento com colegas, “Quando eu fui conversar com pes-

soas do curso que eu pretendo ir um deles falou “ quando eu saí de lá eu pensei em me matar””, (Gestão Ambiental, 21 anos); e o relato de uma estudante da Engenharia da Computação, sobre vários colegas que teriam tido crises de ansiedade e o des-caso de um médico da Fundação Universitária de Brasília, que teria dito que ela não tinha um “problema de ansiedade sério”.

5.2 Uma questão de pressão

Outras possíveis causas para o mal-estar mental que receberam maior notoriedade foram: pressão interna, ou as cobranças do indivíduo sobre si mesmo; a pressão externa, podendo ser: pais e parentes que pressionam os filhos para terminarem o curso e entrarem o mais rápido no mercado de trabalho, ou a exigência de bom resultado acadêmico. “Super-humanos” é uma categoria que apareceu no discurso de uma estudante, de Gestão em Políticas Públicas e que se refere a “pessoas políglotas, que viajam, estudam, fazem coisas legais e tem recur-



sos familiares e financiamento e estão disponíveis para se envolverem com outras coisas”. Nas palavras de uma estudante da Matemática, 18 anos: “têm professores que vem assim pra... “cê” fica louca. Às vezes “cê” passa muito tempo aqui, só, também, estudando com aquela pressão psicológica gigante.”

Entra a questão sobre as incertezas geradas pelo atual cenário econômico, a crescente fluidez e as possíveis instabilidades nas relações de trabalho, são grandes influenciadores dessa categoria: “Fico pensando se vou conseguir me formar, até porque o curso de humanas eu não sei o que vai acontecer amanhã. Ainda mais com a licenciatura, esse tanto de reforma, eu não sei se eu vou ter emprego, eu não sei se vou continuar na licenciatura...”, comentário da mesma estudante da Filosofia citada acima. Já outra, afirmou que percebe que seus colegas são afetados pela carga de leitura, pelo “medo de reprovar”, discorreu uma estudante de 32 anos, do curso de História e que está em sua segunda graduação.

Os indivíduos criam expectativas sobre si a partir de suas experiências sociais, e cobram especialmente os resultados de seus esforços individuais que podem se traduzir em boas notas e em um bom rendimento acadêmico. Entretanto, esbarram no limite físico e mental, e se deparam com o impasse do que conseguem fazer de fato e do que deve ser feito para obter um bom rendimento acadêmico, segundo um estudante da Arquitetura, 19 anos: “pessoas se importam muito mais com o QI do que com o QE, que é o quociente emocional [...] elas vão priorizar o SS do que o bem-estar delas véi, pra tirar um SS sabe? [...] focando numa coisa e desfocando em outra coisa e o ideal é o equilíbrio”.

A pressão externa - termo muito citado nas entrevistas para definir como uma causa de sofrimento psíquico/mental-, é gerada pela rede em que os alunos se encontram, especialmente no que se relaciona à inserção no mercado de trabalho e o desassossego em finalizar logo o curso. No



entanto, é importante salientar que o tempo necessário para a conclusão do curso não é igual para todos, e depende de variáveis não controladas pelos estudantes, como por exemplo, a oferta do semestre e a quantidade de vagas disponibilizadas.

5.3 Discriminação, preconceito e exclusão

A Discriminação, o preconceito e a exclusão são fenômenos compreendidos e sentidos de diversas formas pelos estudantes, variando desde as discriminações sofridas pelas minorias até o sentimento de rivalidade que existe entre determinados cursos. Estes são fatores catalisadores de sofrimento psíquico gerados por relações de disputa, sendo principalmente abordados pelos estudantes ao se tratar de raça e gênero[5]: “semana passada uma pessoa de outro curso entrou no CACOM (Centro Acadêmico de comunicação) e tipo falou que entrou lá porque tava sentindo cheiro de veado e tipo isso nunca aconteceu na FAU”, nos relatou um estudante da Comunicação Social,

19 anos. “São tipo coisinhas assim que... ah, a menina é mais cuidadosa então faz o relatório, entendeu?”, disse uma outra estudante, da Engenharia da Computação quando falou sobre como ocorre a distribuição de responsabilidades em trabalhos de grupos: homens com a parte criativa e de cálculos e mulheres com relatório e organização da apresentação, sendo esta apenas uma das situações sexistas apresentadas em sua explicação.

Foram mencionados ocorrências de estupros, casos de assédio, LGBTQI+ que foram expulsos de casa, e de situações de racismo vivenciadas dentro da universidade que levaram à hospitalização de uma estudante, conforme nos informou uma aluna do curso de História, de 22 anos, Segundo ela uma amiga teve um “surto” e precisou ser hospitalizada.

Há relatos de estudantes que se sentem discriminados por suas posições ideológicas divergentes, o que aponta uma dificuldade de diálogo entre os estudantes. Ou por serem de determinados cursos que são estigmatizados, ou que



“tem treta” com outros cursos[6], ou até mesmo pelo rendimento acadêmico: haveria tratamento diferenciado por causa de nota, ou por serem estagiários, ou por participarem de projetos acadêmicos, como disse um estudante de Relações Internacionais, 22 anos. Esse ponto de vista está presente no relato de uma estudante da Ciência da Computação, 24 anos, segundo ela, há muitos “grupos e panelinhas” e mesmo veteranos cobrando posicionamento de calouros sobre o risco de ostracismo social, caso eles ajam de forma divergente, como disse um estudante das Ciências Sociais, 21 anos.

O sentimento de isolamento aparece no discurso dos sujeitos não como causa do sofrimento psíquico, mas como seu agravante; o processo de integração entre os estudantes é frágil, sendo comum a sensação de estar sozinho. Em muitos dos relatos, os estudantes afirmaram que não se sentem acolhidos ou apoiados pela comunidade acadêmica como um todo. Essa dificuldade pode estar associada a

problemas mais amplos como o funcionamento da departamentalização das matérias, o silenciamento de experiências, a exclusão motivada pelas já citadas “panelinhas”.

Para exemplificar parte do que foi tratado anteriormente, apresentamos aqui um fragmento do relato de um estudante de ciência política, 24 anos:

É uma questão de espaço, ter um local de fala onde você possa contar suas dificuldades e pra alguém também, né... Eu como negro, falar com uma pessoa que entende a minha dor, entende? Acho que é essa a questão, assim.”, estudante de Filosofia, 19 anos; “enquanto eu tô aqui eu encontro várias pessoas, pessoas que eu conheço, que eu converso, mas não que eu sinto que eu possa parar e falar “pelo amor de deus, me ajuda aqui que, sei lá, meu pai morreu.

5.4 O uso do transporte público

O transporte, especialmente o público, o tempo que é gasto com o deslocamento, como reclamou um aluno da Contab-



ilidade, e as condições desses transportes foram considerados fatores que causam um impacto negativo na vida dos estudantes. O transporte coletivo, ou melhor, muitas vezes a falta dele e o tempo de deslocamento geram cansaço que pode afetar no rendimento do dia, podendo ser classificado como outra causa do mal-estar psíquico/mental, relacionando-se à pressão interna.

Uma estudante, moradora do Lago Norte, afirma sentir que sua vida melhorou significativamente quando passou a morar mais perto da universidade. Em outro comentário, um aluno, morador da Asa Norte, declara que não se sente afetado pelo transporte público e uma outra estudante e moradora da mesma região alegou que o transporte lotado a deixava cansada, mas que isso a motivava a prestar atenção nas aulas.

Se fizermos uma simples reflexão comparativa, tomaremos nota de que as realidades são bastante diferentes entre um estudante morador da Asa Norte para a de um estudante morador de Brazlândia que faz um trajeto mais ex-

tenso e que tem mais fatores influenciando o seu contexto rotineiro (qualidade do transporte, trânsito, distância).

Analisando os fatos, é possível inferir que provavelmente o estudante que mora mais longe se sente mais cansado ao chegar em casa do que um estudante que mora mais próximo da UnB. Assim sendo, é plausível chegar a conclusão que o transporte pode afetar efetivamente o desempenho dos indivíduos, se considerarmos os comentários anteriores de estudantes que mencionaram a grande carga de leitura e trabalhos e o seu tempo disponível para executá-los.

Apesar de nós considerarmos o fator explanado acima, como uma variável bastante influente, na realidade de muitos indivíduos da comunidade acadêmica, notamos que a Universidade encontra limites para interferir nisto. Neste sentido, este é um motivo difícil para UnB, enquanto instituição e agente[7], lidar e encontrar possíveis soluções para o problema do transporte público, enfrentada pelxs es-



tudantes assim como pelos outros setores da academia.

Uma resolução do problema em questão poderia ser a apresentação de uma proposta à secretaria de transportes, propondo melhorias. Outra saída seria reconsiderar a formulação de novas estratégias em relação aos ônibus intercampi, ainda que isto seja uma questão complexa que exige a atuação de múltiplos agentes, uma vez que não depende exclusivamente da postura da universidade em relação a isso. Mas alguns comentários nos surpreenderam, como o de uma estudante de História, de 20 anos, que disse nunca ter pensado sobre como o transporte público a afeta. Embora nunca tenha pensado sobre isto, ela afirma que “de certa forma sim (afeta), porque dá pra socializar com as pessoas no ônibus”, mostrando que as concepções dos sujeitos podem ser diferentes sobre o que e como aquilo os afeta e para além disto, em que grau se sentem afetados.

5.5. As tensões eleitorais

O período eleitoral[8] desencadeou tensões motivadas pelas incertezas sobre as futuras políticas educacionais e o impacto que terão sobre a UnB a curto, médio e longo prazo. A apreensão se dá pelos atos de violência verbal e física e para além disto, a preocupação social que pode-se observar sendo expressa durante o período das eleições. Estas preocupações foram citadas, como expressou o relato do estudante de Comunicação Social sobre um ato de violência motivada por LGBT-fobia no Centro Acadêmico da FAU (Faculdade de Arquitetura e Urbanismo), terminando em uma carta de repúdio por parte da FAU e um pedido de desculpas por parte do agressor à vítima. Segundo o estudante entrevistado, essa ação é insuficiente para resolver a situação e/ou para que xs estudantes não sintam medo.

Em outros casos, mesmo os que não se sentiam afetados diretamente com o momento eleitoral, percebiam que não era mais a mesma situação ao se tratar de out-



ros colegas, como disse uma aluna da História, 20 anos, sobre seus pares: “parece que a galera tá bem cansada”.

Em se tratando do momento eleitoral, que foi particularmente polêmico vide as notícias e polarizações da época, captamos que os agentes sentiram-se incertos em relação ao período pós-eleições. Nas palavras de um estudante de Artes Visuais, de 21 anos, “o brasileiro sofre com ausência de consciência coletiva”, e não foi incomum encontrar nos relatos um certo tom de incerteza, como foi o caso do estudante de Comunicação ao falar sobre o acontecimento na FAU, e de outros também.

6 Conclusão

Tornar horizontal o diálogo entre os membros da comunidade acadêmica parece ser a principal ferramenta para que as causas do sofrimento psíquico entre os estudantes da UnB sejam tratadas. O sentimento de isolamento que é perceptível no discurso dos estudantes entrevistados é

crucial para o entendimento do problema. Há um sentimento geral de afastamento entre pares que alimentam o mal-estar geral e desencadeia processos de sofrimento psíquico.

Os conflitos entre professores e alunos revelam-se marcantes. A postura de diversos professores e a carga de cobrança pode não estar considerando os contextos atuais e os perfis de alunos que atualmente frequentam a UnB. É de fundamental importância compreender como certas dinâmicas pedagógicas devem se dar, considerando os contextos nos quais os sujeitos participantes estão inseridos nele. Não descartamos que os professores, funcionários e demais pessoas que fazem parte da composição da teia de relações que constitui a UnB ou que permitam que essas relações aconteçam, estejam em sofrimento psíquico, ou que algum grupo esteja sofrendo mais do que o outro.

É essencial repensarmos a forma como estamos nos relacionando com certas questões dentro do ambiente acadêmico. Não significa que apenas uma mudança de postura por



parte da UnB, ou por parte dos professores seja o suficiente para que magicamente se resolva a questão colocada em evidência. As universidades não se encontram isoladas de outros campos de sociabilidade e sentir muito depois de se perder inúmeras vidas, quando pouco foi feito não mudará nada.

Agradecimentos

Agradecemos primeiramente a toda à turma de antropologia da saúde e a docente Soraya Fleischer, que em conjunto, desempenharam muitos esforços e dedicações até o final do trabalho coletivo, tal qual este artigo é um de seus frutos. Agradecemos também a todxs participantes da comunidade acadêmica,- teceirizadx, estudantes da graduação, da pós-graduação, xs técnicxs e xs servidorxs - que se colocaram à nossa disposição para exprimir as suas reflexões, colaborando desta forma com o enriquecimento da nossa pesquisa.

Notas

- [1] Estas terapias geravam materialidade e significados que permeavam os discursos dos indivíduos e construía socialmente o conceito de doença mental. Note que a construção social de um conceito não é exclusividade de um único campo social, e que, portanto, não apenas a psicologia e a psiquiatria construía esse conceito.
- [2] Que embora seja uma discussão importante em se tratando da estrutura educacional, não é o foco deste artigo e, portanto, não é uma questão que será aprofundada aqui, apenas chamamos a atenção para o assunto e a necessidade de sua exploração.
- [3] Gerando o efeito colateral sobre a pressão interna e externa, respectivamente as cobranças internas sobre o próprio resultado individual e as da própria rede social do estudante, que são centradas no tempo de formação e na entrada no mercado de trabalho, além das próprias condições incertas desse mercado e do cenário político.
- [4] Embora não seja a questão analítica central deste artigo, a presença do psicólogo e a busca por ajuda fora da UnB apareceram em muitas entrevistas. O psicólogo e as iniciativas terapêuticas mostraram-se ferramentas centrais. As possibilidades de auxílio psicológico dentro da UnB não atingem boa parte da comunidade acadêmica e são mesmo desconhecidas, o que



leva muitos a buscarem auxílio fora da universidade.

[5] Com maior destaque para as violências que ocorrem com estudantes LGBT, sendo comuns as situações de machismo e misoginia.

[6] A identidade entre grupos aqui age como contextual, moldando os conflitos e funcionando como motivador deles, sem que ninguém de fato conheça a origem desses arquétipos.

[7] Inferimos pelas discussões em sala de aula que a UnB não é tão facilmente definida como agente ou como instituição: possui instâncias burocráticas, é uma instituição de ensino e possui estrutura física, mas também apareceu em diversos discursos dos entrevistados como um agente que se relaciona aos outros, possui história e uma personalidade atribuída e é entendida como ser ativo dentro da comunidade acadêmica.

[8] O resultado das eleições presidenciais, no dia 28 de outubro de 2018, não haviam saído durante o período em que fizemos pesquisa de campo. Fizemos duas saídas de campo, ambas anteriores ao resultado.

Referências Bibliográficas

ALVES, Paulo César. “O discurso sobre a enfermidade mental”. In: ALVES, Paulo César e MINAYO, Maria Cecília de Souza (orgs.). Saúde e doença: Um olhar an-

tropológico. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1994, pp. 91-100.

CARDOSO, Marina. “Psiquiatria e antropologia: notas sobre um debate inconcluso”. *Ilha Revista de Antropologia*, 4(1), 2002, pp. 85-113.

CAVESTRO, Júlio de Melo e ROCHA, Fabiano Lopes. “Prevalência de depressão entre estudantes universitários”. *Jornal brasileiro de Psiquiatria*, 2006, 55(4), pp. 264-267.

DIAS, Maria Luiza. “Suicídio. Testemunho do Adeus”. São Paulo: Brasiliense. 1994. IN: MONNERAT, Silva “Relatos sobre suicídio e vozes: um estudo etnográfico”. *Revista Equatorial, Revista dos Alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, 4, 2018, pp. 161-173.

HITA, Maria Gabriela. “Identidade feminina e nervoso: Crises e trajetórias”. In: ALVES, P. C.; e RABELO, M. C. (Orgs.). *Antropologia da saúde: traçando identidade e explorando fronteiras*. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/Relume Dumará, 1998, pp. 179-213.

MARTIN, Denise; CACCOZZI, Aline; MACEDO, Thaise e



ANDREOLI, Sergio Baxter. “Significado da busca de tratamento por mulheres com transtorno depressivo atendidas em serviço de saúde público”. *Interface*, 16(43), 2012, pp. 885-889.

MONNERAT, Silvia. “Relatos sobre suicídio e vozes: um estudo etnográfico”. *Revista Equatorial, Revista dos Alunos do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, 4, 2018, pp. 161-173.

OLIVEIRA, Felipe França de; ODEH, Muna Muhammad. “Estudo de utilização de medicamentos à luz das variáveis de gênero, raça/cor e etnia em um centro de atenção psicossocial do Distrito Federal, Brasil”. *Tempos, Actas de saúde coletiva*, 11(3), pp. 104-114, 2017.

SILVA, Maria Lúcia. “Racismo e os efeitos na saúde mental”. In: BATISTA, Luís Eduardo; KALCKMANN, Suzana. *Seminário da População Negra*. São Paulo: Instituto de Saúde, 2005, pp. 129-132.

SILVEIRA, Maria Lúcia da. *O nervo cala, o nervo fala: a linguagem da doença*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2000.

SIQUEIRA, Vinícius. “Relações Líquidas: a leveza de ser

(prefácio) - *Modernidade Líquida*”. 7 de novembro de 2016. Disponível em: <<https://colunastortas.com.br/relacoes-liquidas/>>. Acesso em: 22/12/2018.

